

Nuances nos depoimentos da pesciana e da moranesa: mulheres imigrantes em Porto Alegre/RS (1945-1950)¹

Egiselda Brum Charão(PUCRS)²

Resumo: Ouvir e registrar os relatos de mulheres procedentes de outros países permite fazer uma viagem ao passado, pois elas guardam na memória as lembranças das experiências vivenciadas ao longo do tempo. Neste sentido essas mulheres são indicadoras para os estudos da história da imigração no Brasil. No presente estudo optou-se por ouvir e transcrever as falas para analisar o relato de duas mulheres italianas que mudaram para Porto Alegre, entre os anos de 1946-1948. Iole Tredici, oriunda de Pescia, região norte da Itália e Dalva di Martino, procedente de Morano Cálabro, região sul da Itália. Pretende-se, através das falas dessas mulheres, saber as motivações que as direcionaram à cidade de Porto Alegre. É importante entender os diferentes olhares e percepções da cidade, levando em conta a origem de cada uma das imigrantes investigadas.

Palavras-chave: mulheres imigrantes, História Oral, Porto Alegre.

Abstract: Listen and record the stories of women from other countries enables make a journey into the past, because they hold the memories of experiences along time. In this sense these women are indicators for studies of the history of immigration in Brazil. In the present study it was decided to listen and transcribe speech to analyze the story of two Italian women who moved to Porto Alegre, between the years 1946-1948. Iole Tredici, originally from Pescia, northern Italy and Dalva di Martino, coming from Morano Calabro, southern Italy. It is intended, through the speeches of these women, knowing the motivations that have led to the city of Porto Alegre. It is important to understand the different perspectives and perceptions of the city, considering the origin of each of the immigrants researched.

Keywords: women, immigration, Porto Alegre.

O presente texto busca recompor a trajetória de vida das mulheres imigrantes por meio de seus relatos orais. Elas propuseram-se a efetuar uma mudança; pois imigrar é buscar o novo, por sua vez, imigração é mobilidade e, [...]“essa mobilidade é um fenômeno de massas, mas também é entendida como um deslocamento de diferentes pessoas em diferentes tempos e espaços, qualificadas em muitos sentidos, isto é, social, econômica, política e culturalmente” (CONSTANTINO, 2006, p. 65). As mulheres em geral carregaram, para a viagem uns poucos pertences, algumas fotografias e recordações do passado, e deixaram a terra natal para trás. Elas vieram desacompanhadas ou com a família; algumas foram precursoras, exemplo disto foi Lydia Moschetti³, outras mantiveram-se

¹ Este artigo se insere no Projeto Mulheres Imigrantes (1945-1970), de autoria de Núncia Santoro de Constantino, Pós- Doutora em História, Professora do Curso de Pós Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. O projeto possui bolsa de incentivo da FAPERGS-Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul.

² Acadêmica do Curso de História da PUCRS. Aluna bolsista do Projeto Mulheres imigrantes (1945-1970) financiado pela FAPERGS.

³ Lydia Moschetti imigrou para o Brasil aos 17 anos., em 1907. Foi professora de Italiano, atuou no teatro como soprano. Casou-se com o engenheiro italiano Luiz Moschetti, Envolveu-se em campanhas beneficentes. Criou creches, orfanatos e o Instituto Santa. Luzia para cegos, hoje Hospital Banco de Olhos. Além de

anônimas⁴ em suas histórias de vida. As suas trajetórias foram ocultadas no silêncio das vozes, nos espaços da sociedade e principalmente no esquecimento dos que escreveram a história (MONTENEGRO, 2003, p. 27), pois:

“Sabe-se que as pessoas que constituem a maior parte da sociedade não conseguem exprimir a si mesmas, não conseguem acrescentar sua voz à História. Milhares de mulheres imigrantes transitam nos vãos e subterrâneos das cidades, desconhecidas e até mesmo desconsideradas, muitas vezes elas próprias alienadas, inconscientes do valor do papel que desempenham como imigrantes, pois processos de imigração sempre foram e ainda são considerados prioritariamente um assunto de homens.(CONSTANTINO, 2007, f. 3)”

A cidade de Porto Alegre foi o destino e o cenário em que se desenrolou a trama cotidiana dessas duas mulheres entrevistadas, contudo, a cidade com suas casas, janelas e as ruas permanece calada e somente se conhecerá sobre as trajetórias de vida dessas pessoas, ouvindo e registrando as suas vozes. Os seus relatos devem possibilitar a identificação das causas da partida de seus locais de origem, as razões pelas quais elas vieram para Porto Alegre, as primeiras impressões formuladas sobre o novo espaço urbano e quando finalmente se sentiram parte da cidade. Pois “a cidade é o corpo onde se inscrevem emoções e paixões, experiências intransmissíveis e singulares... [...] cidade é cristalização de tensões: passagem de um espaço flutuante entre o interior e o exterior das Passagens, o real e o irreal.” (MATOS, 18989, apud: MONTENEGRO, 2003, p. 27)

Entre os anos 1940 e 1950, Porto Alegre apresentou um aumento demográfico marcando sua transição de cidade para metrópole. O número habitantes da cidade passou de 122.000 (SILVA, 1996, f. 53, 54) para 394.151 habitantes (MONTEIRO, 2005, 375). Os imigrantes que vieram para o Brasil neste período desembarcavam no Rio de Janeiro ou em Santos e dali eram deslocados para outras cidades brasileiras. Porto Alegre foi o destino de 20% dos imigrantes que chegaram ao Brasil entre 1953 e 1958 (JUNIOR, 1964, p. 310-311). Em Porto alegre os imigrantes encontraram um cenário propício, pois havia necessidade de mão de obra para a indústria que estava em franco desenvolvimento, assim a oferta de trabalho atraiu imigrantes estrangeiros de todas as nacionalidades.

Com o desenvolvimento da cidade, houve a ampliação das estradas, o aterramento do Guaíba (Fig.1), a corrida imobiliária e, consecutivamente, o crescimento imobiliário. Os imigrantes inicialmente se estabeleciam no Centro, na Cidade Baixa e no 4º Distrito; com o passar dos anos foram adquirindo imóveis e se estabelecendo em outras regiões, como a

benemérita era uma intelectual escreveu cinco romances, quatro livros de poesia e alguns ensaios. Para saber mais consultar: MOSCHETTI, Lydia. **Autobiografia**. Porto Alegre: Ediplat, 2008.

⁴ Entre estas podemos citar Epifania di Frazio, Vicenza Nani e Maria Mancuso. Seus depoimentos estão depositados no Laboratório de História Oral da PUCRS.

Zona Sul, Partenon, e cidades do interior, como Canoas e Novo Hamburgo, fora do eixo inicial, conforme se constata nos depoimentos das mulheres imigrantes.



Figura 01 - Vista aérea de Porto Alegre (1950)

Fonte: <<http://www.portoimagem.com/fotosantigas/antiga112.html>>

Por outro lado, as histórias contadas permitem evidenciar, quais foram os desafios enfrentados ao defrontarem-se com uma cultura desconhecida. Na subjetividade de cada narrativa vislumbra-se a inserção social de cada mulher no novo espaço, o que foi deixado para trás, o que foi encontrado e o que foi experimentado por cada uma delas visto que “o narrador diz de um mundo que ele construiu com cacos que restaram do passado.” (RICOEUR, 1969 apud: PENA, 2006, p.104.). Neste sentido a inserção ocorrerá na medida em que se aglutinarem as experiências que antecederam a partida com aquelas incorporadas e apreendidas ao longo do tempo. Além das convergências culturais, os seus relatos reproduzem as influências de grupos sociais para a construção da identidade e do sentido de pertencimento que inicia no começo da viagem.

A viagem das mulheres e das demais pessoas que fizeram um grande percurso compreende um “processo migratório que se caracteriza por relações sociais entre os migrantes e os não-migrantes, e que envolvem relacionamentos, ações e estratégias de poder, interagindo grupos, pessoas e instituições em distintos espaços e tempos.” (CARLEIAL, 2010, p. 1). Neste aspecto a “migração pode ser entendida, também, como fluxos conectados de recursos humanos materiais e de bens culturais.” (Idem, p. 3) Adotada tal perspectiva, a imigração de homens e mulheres de outros países tornou-se viável, em função da consolidação das redes de relações sociais pré-estabelecidas.

Pertinente à investigação foi contextualizar o local de origem das depoentes, assim como a cidade de Porto Alegre entre os anos de 1946 e 1948. Tal cenário descortina-se à medida que a trama escrita for se conformando. Fez-se necessário, desse modo, ouvir e registrar os relatos de mulheres procedentes de outros países, porque elas guardam na memória fragmentos do passado e, como tal, a memória pode ser compreendida sob dois aspectos: “no plural que compreende as narrações de quem vivenciou processos sócio-culturais; no singular consiste na capacidade de reter fatos, idéias, impressões e retransmiti-las, através de diferentes suportes, como a escrita ou a voz” (CONSTANTINO, 2006, p. 70). Além disso, ouvi-las significa recompor o que, ao longo de suas vidas presenciaram, isto é, processos histórico-culturais, que só vêm a tona, quando evocam lembranças do passado. Sob tal compreensão, suas narrativas fornecem indícios para os estudos da história da imigração no Brasil.

Quanto ao indício, vale lembrar que “o indivíduo, por ser representativo, pode ser pesquisado como se fosse um microcosmo de um extrato social inteiro num determinado período histórico” (GUINZBURG, 2006, p. 20). Esse princípio justifica a produção e a divulgação de fontes para estudos a partir de seus depoimentos, sejam, - sonoras, escritas e visuais⁵ como forma de preencher a existência de lacunas bibliográficas. Duas mulheres foram ouvidas⁶. Vozes e histórias de vidas distintas e distintas motivações para a partida da terra onde nasceram. Algumas perdas, muitas lágrimas e sorrisos pautaram as suas trajetórias. Uma procede do norte da Itália, onde floresceu uma sociedade urbana e industrial e outra, do sul onde permaneceu uma economia rural, com concentração fundiária e exploração dos camponeses.

Espontânea na fala e nos gestos, Iole Tredice (Fig. 2) partiu de Pescia, uma pequena povoação da região da Toscana, localizada na parte central da Itália, ao noroeste da Província de Pistoia⁷. Alí em um baile no Cinema Garibaldi, conheceu e enamorou-se do combatente do exército brasileiro, João Pedro Paz, que integrou um grupo em missão de

⁵ As entrevistas, transcrições e imagens fazem parte do acervo e estão disponibilizadas no Centro de Pesquisa e História Oral (CPHO) da PUCRS.

⁶ As frases transcritas de Iole e Dalva ao longo do texto serão destacadas em fonte itálica.

⁷ L'istituzione della Provincia di Pistoia, avvenne con Regio Decreto del 1927 e rientrò in un'operazione complessiva di riordino delle circoscrizioni territoriali-amministrative voluta dal fascismo nel contesto della costituzione del regime, che portò alla formazione di diciannove nuove province e che accentuò così il centralismo burocratico ed autoritario. Disponível em: www.provincia.pistoia.it Acesso em 21, set, 2010.

paz. O povoado ainda vivia as consequências das mortes ocorridas durante a ocupação dos alemães na Província de Arezzo, também localizada na região da Toscana.⁸



Figura 2 - Iole Tredici
Fonte: Laboratório de Pesquisa em História Oral

Encerrada a missão o pelotão retornou ao Brasil. Meses após seu retorno ao Pedro recebeu a notícia que Iole estava grávida. Aos dezoito anos, um ano após o final da II Guerra, no dia 28 de outubro de 1946, Iole casou-se por procuração (TREDICE, 2010, f.13) e iniciou a sua viagem para o Brasil. Embarcou no navio em Nápoles e atravessou o mar, vindo ao encontro do esposo João Pedro Paz. Ele integrara, em 1945 a FEB - Força Expedicionária Brasileira⁹ lutando ao lado dos aliados, na Itália, durante a II Guerra Mundial. Na verdade o Brasil teve uma breve atuação naqueles episódios, a qual ocorreu:

“Depois de meses de preparativos, os transportes para a Itália deram-se entre 2 de julho de 1944 e 8 de fevereiro de 1945. Juntamente com a FEB seguiu o 1o Grupo de Caças, esquadrão aéreo composto de 42 oficiais e pilotos e 400 homens de apoio, equipados com 28 aviões P-47 Thunderbolt. Desembarcadas em Nápoles, as tropas brasileiras seguiram depois para a região de Pisa, na província de Toscana, centro-norte do país, onde iniciaram suas operações de guerra. Os combatentes se concentraram na região dos Apeninos, entre os rios Arno e Pó (províncias de Toscana e Emília), estenderam as operações, até o Piemonte, no norte da península. Em 29 de abril chegavam emissários dos generais alemães Vietinghoff-Scheel e Wolff, levando os termos da rendição. Finalmente, a 2 de maio de 1945, em

⁸ Em 1944, ao baterem retirada de Roma os alemães mataram 13 prisioneiros civis e militares, em Civitella Val de Chiana executaram 115 civis todos os homens, em La Cornia mataram 58 pessoas incluindo mulheres e crianças, no Vilarejo de San Pancrazio. Tudo indica que esses atos foram uma retaliação pelo assassinato de três soldados alemães por membros da Resistência, em Civitella, no dia 18 de junho de 1944. PORTELLI, Alessandro. **O massacre de Civitella Vai di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944)** Disponível em: [www.cholonautas.edu.pe//Módulo virtual: Memórias de la violência](http://www.cholonautas.edu.pe//Módulo%20virtual:Memórias%20de%20la%20violência). Acesso em 02, set, 2010. [s.p.].

⁹ A Força Expedicionária Brasileira criada no dia 23 de novembro de 1943, englobava a recém-criada 1a Divisão Expedicionária e elementos do Corpo de Exército e dos Serviços Gerais, com um contingente total de 25.334 homens, comandados pelo General-de-Divisão João Baptista Mascarenhas de Moraes.

Florença, é assinada a capitulação incondicional dos alemães pelo General Von Sentir und Etterlin e o General Mark Clark.”¹⁰

Ao retornarem ao Brasil, os praçinhos foram recepcionados pelo presidente Getúlio Vargas no Cassino da Urca. Receberam condecorações e homenagens com bandas e apresentações musicais. Entre os artistas presentes estava Vicente Celestino, para quem Pedro narrou a sua história inspirando-o a escrever a canção Mia Gioconda.¹¹ Já nesse período, a presença italiana estava integrada na vida nacional e a migração passava por uma fase de estagnação, ou seja, a migração era residual e sustentada pelas redes migratórias. A vinda de Iole foi resultado da organização de uma rede complexa de relacionamento que mobilizou um aparato interestadual e internacional. A sua movimentação envolveu a ajuda de instituições, de associações de mídia, do Consulado Italiano e da Associação dos Ex-combatentes da II Grande Guerra.¹² A jovem deixava um país que começava a ser marcado pelo crescimento econômico e pela instabilidade política advinda das mudanças de governo.

Um ano após o retorno dos combatentes brasileiros, Iole portava apenas, uma bagagem pequena e o filho nos braços. Tinha pouca familiaridade com o mar e a viagem na terceira classe - teve lá seus inconvenientes que incluíram quarenta dias de privações alimentares, em decorrência “do mal do mar” (ROSSATO, 1883 apud, MAESTRI, 1996, p. 201), sensação que lhe causava enjôos e vômitos constantes debilitaram a sua saúde, prejudicando a amamentação do filho, recém-nascido. Somaram-se a estas dificuldades, e ao fato de viajar desacompanhada, o roubo de seus pertences quando o navio aportou, no porto de Gênova.

Relatos semelhantes ao episódio vivido por Iole foram evidenciados em estudos anteriores informando que “a estada no porto de Gênova, a espera da partida do navio era uma etapa da viagem que podia reservar sérias e desagradáveis surpresas, inclusive roubando os recém-chegados no porto ou no transcurso da viagem” (Idem, p. 194). Apesar dos contratemplos, Iole encontrou amizade e ajuda entre os companheiros de viagem, muitos

¹⁰[s.a.] **O Brasil na Guerra** [s. d.] Disponível em: www.2guerra.com.br. Acesso em 18. set. 2010.

¹¹, As recordações do Sr. Pedro estão narradas em: ZH Petrópolis, 05 de julho de 2007. Correio do Povo, domingo, 02 de agosto de 2009,

¹² Fundada em 1945. A associação foi criada com o objetivo de lutar por leis de amparo aos ex-combatentes mais necessitados, de manter viva a chama da FEB, seus ideais, tudo isso respeitando a ação política ou ideológica de cada um. [s.a] **As associações de ex-combatentes**. [s.d.] Disponível em: www.mauxhomepage.com Acesso em 18. set. 2010. Fundada em 1945. A associação foi criada com o objetivo de lutar por leis de amparo aos ex-combatentes mais necessitados, de manter viva a chama da FEB, seus ideais, tudo isso respeitando a ação política ou ideológica de cada um.

eram provenientes de várias partes da Europa, dentre eles alguns eram patrícios e outros brasileiros.

Durante a sua viagem sempre esteve presente a colaboração de pessoas estranhas, afinal, foram os resultados da solidariedade e dos apelos na rádio, e nos jornais Correio do Povo e Folha da Tarde, protagonizados por Candido Norberto¹³ que custearam a sua longa viagem. Após quarenta dias, o navio atracou no cais de Porto Alegre, Iole não olhou para a cidade, porque não formulara a idéia sobre ela, visto que o diálogo com Pedro, durante o namoro não havia superado os entraves da língua.



Figura 3 - Dalva Di Martino

Fonte: Laboratório de Pesquisa em história Oral da PUCRS

Ao sul da península, Dalva Di Martino (fig. 3) deixou a terra natal quando tinha 14 anos, no dia 16 de agosto de 1948, dia dos Festejos de São Roque, em companhia da mãe e das irmãs. Comedida nos gestos e moderada na fala, não consegue disfarçar a emoção ao lembrar o passado. Suas origens estão assentadas na região da Calábria, em Morano-Calabro, na Província de Cosenza. A região passara, até 1940, por um processo de imigração em massa decorrente das dificuldades econômicas e sociais que durou mais de quarenta anos e estagnou, durante a guerra. A explicação para as origens dessa crise, que atingiu principalmente a região sul da Itália, encontra-se a questão da unificação e a política para

¹³Cândido Norberto dos Santos nasceu em Bagé, no dia 18 de outubro de 1927, mesmo ano de fundação da Rádio Gaúcha. Chegou a Porto Alegre em 1943, para trabalhar na Folha da Tarde, periódico da Caldas Júnior. Além de experiência, conquistou várias amizades. Cita como exemplos Flávio Alcaraz Gomes e João Bergmann, locutor da PRF-9, Rádio Difusora Porto alegreense. PROJETO Vozes do Rádio. Jornalismo FAMECOS/PUCRS. Disponível em: <http://www.pucrs.br/famecos/vozesrad/candido.htm> Acesso em 24. set. 2010.

implantar um mercado nacional que desfavorecia a região onde predominava a manufatura artesanal.¹⁴

Na mesma época que a família Di Martino mudou para Porto Alegre, uma nova fase de reforço dos fluxos migratórios consolidara-se pelas redes sociais entre imigrantes e não imigrantes decorrentes dos efeitos pós-guerra e da política de unificação do território. Nesta etapa a imigração majoritária era de trabalhadores calabreses e familiares destinados aos centros urbanos brasileiros. Entretanto, observa-se a existência de registros datados de 1908 que certificam um número variado de imigrantes nos núcleos urbanos do Rio Grande do Sul. Os documentos demonstram o predomínio dos imigrantes calabreses no espaço porto-alegrense, os quais desempenhavam profissões diversificadas na cidade, sobressaindo-se no desenvolvimento de atividades comerciais (CONSTANTINO, 1996, p. 57).

A capital gaúcha já mostrava sinais de modificações propiciadas pelo afluxo cultural resultante dos intercâmbios entre grupos humanos oriundos de varias partes do mundo. Eles vieram atraídos pelo seu crescimento urbano e oportunidades econômicas que a cidade oferecia em virtude do processo acelerado de industrialização (CONSTANTINO, 1996, p. 58). Foi visando melhores condições de vida que a família Di Martino embarcou para a capital gaúcha. Dalva era adolescente e trouxe consigo uma carga imaginária sobre Porto Alegre. Essa carga foi concebida mentalmente por meio das cartas remetidas pelo pai, que já trabalhava como comerciante na cidade, pois ele afirmava que: *Porto Alegre, era uma cidade grande. Que não era uma cidade como Morano. Que era uma cidade que oferecia muitas chances para crescer na vida.* (CASSARÁ, 2010, f. 1) Inicialmente a cidade de Porto Alegre era produto de sua imaginação que exerceu influência profunda sobre a impressão de chegada:

A chegada foi ma ra vi lho sa. Chegamos em setembro no porto aqui de Porto Alegre. Um dia lindíssimo. Aquele sol, aquela coisa e uma banda tocando, porque era aquela festa... A entrada em Porto Alegre, o porto era muito bonito, agora está abandonado, mas nessa época os navios vinham e voltavam. A primeira rua que eu conheci foi a Riachuelo, onde o tio nos recebeu depois a entrada na casa que o pai tinha preparado para nós, na Demétrio Ribeiro, onde residiu por quase trinta anos.(Idem, f. 8)

Para a jovem, confirmara-se, ao primeiro olhar a cidade da narrativa do pai e de familiares de moraneses que já residiam e trabalhavam nela. Compreende-se que a idealização juvenil de Dalva, é uma construção social, pois “os homens elaboram idéias sobre o real, as quais se traduzem em imagens, discursos e práticas sociais que não somente

¹⁴Para conhecer mais detalhes sobre a crise consultar: BÓ, Juventino dal; IOTTI, Luíza Horn; MACHADO, Maria Beatriz. (Org.) **Imigração Italiana e estudos ítalo-Brasileiros** In: CONSTANTINO, Núncia Santoro de, **Italianos na cidade**. Porto Alegre (1850-1914). Caxias do Sul: EDUCS, 1996. p. 61

qualificam o mundo como também orientam o olhar e a percepção sobre essa realidade.” (PESAVENTO, 2008, p. 13). Assim, as imagens mentais formuladas sobre a cidade tiveram como suporte as descrições das pessoas que vivenciaram o movimento migratório destinado ao sul do Brasil desde antes das guerras.¹⁵ Essas pessoas criaram condições para o surgimento das chamadas *redes sociais entre imigrantes*, as quais eram caracterizadas pela condição imigrantes de todos os seus participantes. São redes que se distinguem pelo

“[...] o fato de serem ações proporcionadas, por pessoas com experiência própria, concededoras da condição de imigrante, o que possibilita a elas uma relação com o outro, em situação de semelhança; e por isso tendem a ser específicas e singulares.” (CARLEIAL, 2004, p. 7).

Foi por intermédio de redes parentais que Dalva e a família vieram para Porto Alegre, conta ela lembrando a chegada ao porto: *E todos aqueles... Ah parentes do meu pai, e parte da minha mãe, que a minha mãe tinha umas irmãs aqui, uns irmãos..* cita ainda Rocco Gallo¹⁶ e o pai que ela não conhecia. (CASSARÁ, 2010, f. 7). A vinda da família teve a ajuda de parentes maternos que estavam no Rio de Janeiro e paternos que estavam em Porto Alegre.

Nota-se que já fazia parte do cotidiano da infância de Dalva o deslocamento de familiares e amigos, bem como as histórias das idas e vindas constantes ao Brasil. Durante a ausência do pai a vida familiar e a educação eram regidas pelas normas da mãe que encontrava formas de tornar presente o pai ausente: através de bilhetes que escrevia para os filhos e assinava com o nome do pai; também colocava o prato e guardava o lugar do pai durante as refeições. Outra maneira de tornar o pai presente era no que dizia respeito às finanças da família. Segundo ela, *toda a vez que o pai mandava dinheiro a mãe reservava uma parte para uma eventual necessidade. E, aquilo nos salvou. Então ela foi uma economista.* (Idem, 2010. 6) O dinheiro poupado serviu para mantê-los durante a guerra, quando diminuíram as remessas e aumentara a carestia. A mãe assumiu a autoridade do pai para fazer valer as regras de convivência familiar e social.

Já para Iole que veio anos antes, os planos e a esperança, ameadados até a data da partida, estavam relacionados ao encontro com o marido. Neste sentido ela relata dois episódios marcantes. O primeiro foi a despedida da mãe no porto de Gênova. (TREDICE, 2010, f. 11) Para Iole a figura da mãe significava coesão familiar, segurança e proteção. O porto, por sua vez, um ponto de ligação, entre o passado e o futuro. Por outro lado o navio

¹⁵ Informações relativas à presença de imigrantes nos centros urbanos do RS podem ser encontradas, a partir de 1870, nos arquivos da Santa Casa, nos assentamentos de batismos, nos códices policiais e nos jornais.

¹⁶Proprietário da Barbearia Roma, que funcionava na rua da Praia.

sobre o mar pode ser compreendido por suas variações e instabilidade em relação ao percurso. Com a mudança de cenário mudaram também os papéis das personagens: Iole torna-se a figura de coesão familiar, o filho é a ligação entre o passado e futuro. Para ela, a cidade de Porto Alegre com suas multiplicidades, suas ruas; as pessoas e seus sotaques é uma incógnita geradora de incertezas.

O segundo episódio foi da chegada à cidade de Porto Alegre. *Ceguei de sábado. Chego ao porto. Olho... O navio tudo descia eu estou lá e olhava então me começaram a cair às lágrimas, não é. Será que... Já tava tudo combinado, ele vinha me buscar tudo. Eu apertando meu filhinho aqui (fez gesto abraçando o peito) Então eu vi todo mundo descer..*(TREDICE, 2010, f. 12). Não ter ninguém à sua espera causou uma sensação de vazio, solidão e abandono. Sentimentos conflitantes são percebidos nos relatos de chegada de Iole e Dalva. Iole, ao contrário de Dalva, evocou a cidade sob a expectativa de seus sonhos, isto é, de forma intuitiva e emocional, neste sentido o imaginário não apenas

“[...] compõe-se de representações sobre o mundo do vivido, do visível e do experimentado, mas também se apóia sobre os sonhos, desejos e os medos de cada época, isto é, sobre o não-tangível nem visível, que passa, porém, a existir e a ter força de real para aqueles que o vivenciam.” (PESAVENTO, 2008, p. 14)

Assim sendo, fez-se possível inferir que a idéia formulada por Iole, sobre Porto Alegre, não tinha como referência o visual ou o material, mas o sentido, o imaterial que pertence ao campo das sensibilidades. Por outro lado as lembranças da infância, na cidade natal são materiais, visíveis e riquíssimas. Ela tivera estudo e conta que *naquela época era tudo de graça. Era na época do Mussolini. Fascismo.* (TREDICE, 2010, f.5). Trata-se do regime político uni partidário implantado na Itália por Benito Mussolini (1919-1943) que se caracterizava pelo:

[...] Orquestramento do culto ao Duce e à *religião da pátria*, para impulsionar a nacionalização das massas, para beneficiar-se de todas essas contribuições ao regime, para controlar a educação popular e a socialização da juventude, para assumir a tarefa da formação de uma nova elite dirigente. [...] A especificidade do fascismo, apoiou-se em sua capacidade para envolver-se, no positivo e no negativo, com amplíssimos setores da população. Alguns desses setores são, social e politicamente, claramente reconhecíveis, mas outros, mais amplos, estavam constituídos – não nos esqueçamos – por homens e mulheres que também faziam sua história, tinham seus próprios interesses e sua própria racionalidade.” (CAMPOS, 1999, p.271,272)

O depoimento de Iole aponta fatos específicos mencionados por Campos. Um deles indica a familiaridade da mulher italiana do norte italiano com as guerras: *A minha mama ficou viúva, e a gente não tinha dinheiro. Então era minha mama que lutava para ganhar dinheiro e dar comida aos filhos.* (TREDICE, 20110, f. 5) Desde a morte do marido o lar

era provido pela mãe, pelas irmãs e pelo irmão mais velho. Iole também indica conflitos políticos sociais presentes no cotidiano. *A gente era criança, não sabia o que era fascismo, a gente cuidava da vida que a gente levava que a mama podia dar, então estudava e trabalhava numa fábrica de seda, precisava usar um banquinho, era menor de idade.* (Ibidem)

Uma das conseqüências da II Guerra foi a carestia e falta de abastecimento nos mercados locais. O comércio fechou as portas os moradores de Pescia buscavam provisões nas cidades vizinhas: *As mães iam comprar pão no mercado negro, como não tinha dinheiro suficiente elas roubavam as frutas. Todas as mães, várias mães iam de sacola, tinha maçã, pêra e laranja pra trazer em casa.* (Idem, f. 6) Cumpre acrescer, pois, que o seu relato corrobora as informações de outras depoentes como Valéria Novek Paskulin, Francesca Ducceschi, Vicenza Nani, Maria Vinchiprova, Dalva Di Martino¹⁷ demonstrando que de modo geral as zonas do conflito foram castigadas pela carestia.

Ela, ainda, relembra episódios da infância com as amigas que aconteciam praticamente no meio dos bombardeios de guerra: *Eu e a minha amiga, a gente estava com a sacolinha cheia de frutas, que a gente tinha conseguido. Então a gente vinha toda feliz, de repente veio um avião baixinho. A gente corria. Dava cada risada. Rindo, rindo em vez de chorar de medo.* (TREDICE, 2010, f. 7). Sua fala cristaliza uma “memória pessoal que também é uma memória social, familiar e grupal mediada pela linguagem, que aproxima as lembranças do passado enquadradas pelo presente.” (BOSI, 1983, 1, 8). Este enunciado também encontra eco nas seguintes palavras de Iole: *eu tinha três deles que foram militares: Meu pai fez a I Guerra, meu irmão fez a II Guerra, não fez noutra porque ele estava na Rússia, onde ficou com os pés quase congelados e meu marido fez a II Guerra.* (TREDICE, 2010, f. 9). As lembranças relacionadas à II Guerra possuem uma riqueza de detalhes guardados na memória continuamente reelaborada. Para tal, ela vale-se da interação de suportes da memória como seus vínculos sociais, a sua casa e os vestígios preservados em arquivos fotográficos, em jornais, documentários, músicas e filmes constantemente manuseados pelo esposo.

Através da narrativa de Iole e Dalva, pode ser escrita uma história da imigração que a partir do indivíduo descortina uma coletividade, da qual as duas mulheres são indiciárias. Para fazê-lo é necessário o recurso da metodologia em história oral que prioriza o relato dos mais velhos, como fonte histórica. Quando mulheres idosas contam e compartilham

¹⁷ Depoimentos disponíveis para consulta no Laboratório de História Oral da PUCRS.

vivências e conhecimentos viabilizam a identificação de fragmentos de experiências coletivas que são conhecidas por determinados grupos em um certo contexto social. Elas preservam na memória a essência cultural do grupo ou grupos com os quais interagiram.

Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já tiveram quadros de referência familiar e cultural: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo. (BOSI, 1983. p. 22)

Também são encontrados nos depoimentos de Dalva e Iole e em outros seis depoimentos coletados¹⁸ construções auto-representativas, que podem ser enquadradas em categorias dos gêneros literários, isto é modelos narrativos disseminados inicialmente pela tradição oral e incorporados pela literatura. (CONSTANTINO, 2006, P. 72). O depoimento de Dalva sistematiza a narrativa épica, ela compara a vinda da família com o percurso feito por Colombo, quando faz alusão à distância de Gênova ao Rio de Janeiro e de lá para Porto Alegre. Além disso, prioriza os feitos e as vitórias arrematando com um final feliz e bem sucedido. Já em seu depoimento, Iole acentua o dramático-fatalista, ao afirmar que para encontrar Pedro, precisou passar por privações e perdas como pré-requisitos ou obstáculos a serem superados para atingir o destino. Uma delas baseia a sua narrativa no mito do italiano trabalhador e bem sucedido alimentado pela tradição historiográfica, enquanto a outra apóia-se no mito do amor¹⁹ que supera qualquer obstáculo. Refira-se, neste aspecto, que este amor inspirou Vicente Celestino na composição da música “Mia Gioconda”, cuja letra reproduz-se a seguir:

“Do dia que nascemos e vivemos para o mundo/ Nos falta uma costela que encontramos num segundo/ Às vezes muito perto desejamos encontrá-la/ No entanto é preciso muito longe ir buscá-la Vejamos o destino de um pracinha brasileiro/ Partindo para a Itália transformou-se num guerreiro/ E lá muito distante, despontar o amor sentiu/ E disse estas palavras a uma jovem quando a viu /Italiana,/ La mia vita oggi sei tu io te voglio tanto bene/ Partiremo due insieme/ Ti lasciar non posso più/ Italiana/ Voglio a ti piccola bionda / Ha il viso degli amori/ La tue lapri son due fiori /Tu sarai mia Gioconda /Vencido o inimigo que antes fora varonil/ Recebeu da FEB a ordem de embarcar para o Brasil/ Dizia a mesma ordem:/ Quem casou não poderá levar consigo a esposa/ A esposa ficará/ Prometeu então o bravo, ao dar baixa e ser civil/ Embarcarás amada, para os céus do meu Brasil/ E, enquanto

¹⁸ Valéria Novek Paskulin, Francesca Ducceschi, Vicenza Nani, Maria Vinchiprova, e Maria Cristina Liberatore, Epifânia Di Fazio. Depoimentos disponíveis para consulta no Laboratório de História Oral da PUCRS.

¹⁹ O mito do amor, na literatura portuguesa, encontrará as suas origens no entrecruzamento entre as cantigas galego-portuguesas de amor e de amigo. Nas cantigas de amigo, vamos encontrar um amor que justifica os desvios de virtude das donzelas apaixonadas. Mentir por amor, dissimular para a mãe e se entregar como prova de amor são os comportamentos descritos pelas donzelas nas Cantigas de Amigo, com bem demonstra Leodegário A. de Azevedo Filho, no seu livro *As Cantigas de Pero Meogo*. Nessas cantigas, não há lugar para o morrer-de-amor das Cantigas de Amor. Nestas últimas, a dor de morrer-de-amor revela-se para o imaginário do trovador como gozo, que, ao contrário das cantigas de amigo, não se inscreve pela via do sexual. FERREIRA, Nadiá Paulo, **O MITO DO AMOR NA LITERATURA MEDIEVAL PORTUGUESA**. Disponível em: www.filologia.org.br. Acesso em 18, set. 2010.

ela esperava lá no cais napolitano/ Repetia estas palavras no idioma italiano:/ Brasileiro,/ La mia vita oggi sei tu / Io te voglio tanto bene / Quiedo a Dio que tu venga/ Ti scordar non posso più/ Brasileiro,/ Sono ancora tua bionda/ Mi sposo hai lasciato/ Questo cuore abbandonato /Che chiamasti di Gioconda/ Di Gioconda /Di Gioconda.”(<http://vicente-celestino-musicas.musicas.mus.br/>)

Tanto uma como a outra memorialista cresceram distantes geograficamente em seus respectivos locais de origem. Viveram contextos políticos, econômicos e socioculturais diversificados, contudo, semelhantes foram os códigos morais e familiares que nortearam os seus modos de vida. Distintos foram os fatores condicionantes da viagem: partida, percurso e chegada. Uma veio com o auxílio da família, enquanto a outra recebeu apoio de entidades assistenciais. Uma delas encontrou uma casa confortável e preparada para receber a família à rua Demétrio Ribeiro, no centro da cidade, onde predominavam famílias brasileiras. A outra imigrante foi morar em um quarto de pensão na companhia do marido e do filho, na Avenida Presidente Roosevelt²⁰, Bairro São João no 4º distrito, onde residiam imigrantes de diversas etnias.

O idioma que, para uma, resultava em dificuldade de inserção; para a outra, oportunizou a interação com o grupo local. No espaço geográfico de Porto Alegre reproduziu-se uma forma de vida diferente dos locais de origem das duas mulheres. Nele as condições econômicas e as relações sociais de cada uma delas ocorreram de formas distintas e entende-se que “as relações sociais, que fundam os processos individuais, são caracterizadas por tensões e equilíbrios. Estão vinculadas tanto à solidariedade quanto à coação (GÓES, 2000, 117). Elas são evidenciadas nas narrativa das duas italianas. Enquanto Dalva passeava pelas praças, freqüentava escola, teatros e cinemas e cultivava amizades; Iole se distraía com o marido e o filho passeando pelas ruas da cidade (fig. 4) à pé ou de bonde e cuidava da casa pois, segundo ela, o marido acreditava que ela não precisava continuar os estudos. Dalva ensinava Italiano para as amigas e dançava nos bailes da Società Italiana e da Reitoria. (fig. 5)

²⁰Antiga avenida Eduardo.



Figura 4 João Pedro, Iole e o filho passeando na Galeria Chaves(1950) Figura 5 – Dalva e Nicolò no Baile da Reitoria.

Fonte: Laboratório de Pesquisa em História Oral da PUCRS

Iole freqüentava a Igreja Navegantes, aprendia a ler, escrever e falar o português com o filho, embora, ainda hoje, tenha dificuldades relativas à pronuncia. De resto, acompanhava o marido nas reuniões da Associação de ex-combatentes. Com o tempo fez amizade com as esposas dos pracinhas, passou a interagir no grupo participando de eventos sociais, homenagens e comemorações patrióticas. Dalva manteve os vínculos familiares, ainda fala o dialeto de sua região de origem com outros moraneses, integra o Centro Calabrese do Rio Grande do Sul, participa das reuniões sociais e ministra aulas do idioma italiano na ACIRS- Associação Italiana do Rio Grande do Sul.

A viagem para as duas mulheres -partida, percurso e chegada- processou-se de maneiras opostas. Dizer adeus a Pescia e despedir-se da família foi o momento de ruptura traumática para Iole, porque ela tinha consciência de que esta seria uma viagem sem retorno. Para Dalva não houve adeus, porque ela veio com a família, não houve trauma, mesmo assim, ela trouxe, na memória, as lembranças da infância, das pessoas, das casas, das amigas que ficaram em Morano. Iole retornou à cidade natal poucas vezes, diz que o seu lugar é ao lado do marido. Dalva voltou, visitou a casa onde viveu quando criança e deu-se conta que, na sua memória, permaneceram estagnadas as imagens do lugar quando tinha doze anos, ainda que tudo houvesse mudado. Foi o momento em que percebeu que assim como sua cidade, ela também já não era a mesma menina que havia partido e, por fim, que tinha chegado ao destino.

Passado e presente entrecruzam-se nos registros orais de Iole Tredici e Dalva di Martino. Mulheres que dão conta de um espaço cotidiano citadino diversificado dentro do

qual construíram as suas histórias de vida. Elas indicam, a partir de suas experiências e pontos de vista, as distintas maneiras de inserção das mulheres imigrantes na sociedade portoalegrense. Ao mesmo tempo, os seus relatos demonstram as nuances culturais basilares na construção de suas identidades porque trouxeram referenciais anteriores à partida. A construção da identidade de cada uma delas, entre outros fatores, resultou de um longo processo de reelaboração mental e adaptação à nova vida, que já se iniciara na partida.

O sentimento de pertencimento e integração com o meio, tanto em Iole como em Dalva foi sendo arquitetado aos poucos e reflete as influências das redes sociais que tanto estreitaram, quanto diversificaram em novas conexões. Estas redes modificam-se em função das novas necessidades de seus integrantes. As pessoas que fazem parte das redes sociais desenvolvem relações de poder que determinam espaços de sociabilidades e atuação políticas e econômicas. Por outro lado, elas estabelecem ligações duradouras familiares, fortalecidas pela preservação dos costumes onde se insere Dalva ou de amizade e pela manutenção de seus ideais de fundação, onde se encontra Iole. Pondera-se, ao final, que esta reflexão cumpriu o seu objetivo fundamental que foi ressaltar a importância dos depoimentos orais dessas duas mulheres, registro que serve como fonte de estudo sobre as mulheres imigrantes na cidade de Porto Alegre, disponível e aberto a novos olhares, no Laboratório de Pesquisa em História Oral (LPHO) da PUCRS.

BIBLIOGRAFIA

BÓ, Juventino dal; IOTTI, Luíza Horn; MACHADO, Maria Beatriz. (Org.) MAESTRI, Mário. In: **A travessia e a mata: memória e história**. Caxias do Sul: EDUCS, 1996, Idem, p.194.

_____. In: CONSTANTINO, Núncia Santoro de, **Italianos na cidade**. Porto Alegre (1850-1914). Caxias do Sul: EDUCS, 1996.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. São Paulo: T.A. Queiroz, Editor, 1983

CAMPOS, Ismael Saz. **Repensar o fascismo**. São Paul: Perspectivas, 1999

CARLEIAL, Atleta. **Redes sociais entre imigrantes**. XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu - MG – Brasil, de 20-24 de setembro de 2004. Disponível em: www.abep.nepo.unicamp.br Acesso em 19 set. 2010.

www.provincia.pistoia.it Acesso em 21, set, 2010.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. (Org.). **Nas entrelinhas da narrativa: vozes de mulheres imigrantes**. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v.XXXII, n. 1. 2006

_____. Núncia Santoro de. Projeto Mulheres Imigrantes em Porto Alegre. 2007 .

Financiado pelo CNPq e FAPERGS.

FERREIRA , Nadiá Paulo, **O mito do amor na literatura Medieval Portuguesa**. Disponível em: www.filologia.org.br. Acesso em 18, set. 2010.

- GÓES, Maria Cecilia Rafael de. **A formação do indivíduo nas relações sociais:** contribuições teóricas de Lev Vigotski e Pierre Janet . Educação & Sociedade, ano XXI, nº 71, Julho/00 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a05v2171.pdf> Acesso em 15, maio, 2012
- <http://www.portoimagem.com/fotosantigas/antiga112.html> Acesso em 15 set. 2010
- <http://vicente-celestino-musicas.musicas.mus.br/> Acesso em 15 set. 2010.
- JUNIOR, Manuel Diégues. **Imigração, urbanização e industrialização:** estudo sobre alguns aspectos da contribuição cultural do imigrante no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Pesquisa Educacional, 1964. 385 p.
- MATOS, Olgaria, 1989, apud: MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória.** São Paulo: Contexto, 2003.
- MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. 550 p.
- _____, **Representações da cidade de Porto Alegre** na obra *O resto é silêncio* de Érico Veríssimo. Sociedade brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH) Anais da XXV Reunião. Rio de Janeiro: SBPH, 2005.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória.** São Paulo: Contexto, 2003.
- MOSCHETTI, Lydia. **Autobiografia.** Porto Alegre: Ediplat, 2008.
- PESSAVENTO, Sandra Jatay; SANTOS, Nadia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza. (Orgs.) Narrativas Imagens e Práticas sociais. In: PESSAVENTO, Sandra Jatay. **História cultural: caminhos de um desafio contemporâneo.** Porto Alegre: Asterisco, 2008.
- PORTELLI, Alessandro. **O massacre de Civitella Vai di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944).** Disponível em: [www.cholonautas.edu.pe //Módulo](http://www.cholonautas.edu.pe//Módulo) virtual: Memórias de la violência. Acesso em 02, set, 2010. [s.p.].
- PROJETO Vozes do Rádio.** Jornalismo FAMECOS/PUCRS. Disponível em: <http://www.pucrs.br/famecos/vozesrad/candido.htm> Acesso em 24. set. 2010.
- RICOEUR, Paul (Apud.). PENA, Rejane. **Deslocamentos e Adaptações** – Uma proposta de interpretação das narrativas de imigrantes, unindo elementos da hermenêutica e da análise de discurso Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v.XXXII, n. 1. 2006.
- SILVA, Márcia Andréa Schmidt da. **Uma comunidade eslava ortodoxa: russos e ucranianos em Porto Alegre: 1948, 1996.** 133 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, Porto Alegre, 1996.
- [s.a] **As associações de ex-combatentes.** [s.d.] Disponível em: www.mauxhomepage.com Acesso em 18. set. 2010.
- [s.a.] **O Brasil na Guerra** [s. d.] Disponível em: www.2guerra.com.br. Acesso em 18. set. 2010.

FONTES PRIMÁRIAS

- Correio do Povo, domingo, 02 de agosto de 2009,
- DEPOIMENTO Oral de Dalva Di Martino Cassará. Transcrição, Acervo do laboratório de Pesquisas em História Oral da PUCRS. 2010, 12f.
- DEPOIMENTO Oral de Iole Tredice. Transcrição. Acervo do laboratório de Pesquisas em História Oral da PUCRS. 2010, 15f.
- ZH Petrópolis, 05 de julho de 2007.